

# DEVIDAS ARTES

PAULA GUERRA E LÍGIA DABUL (EDS.)

# DEVIDAS ARTES

PAULA GUERRA E LÍGIA DABUL (EDS.)

Design por Irandina Afonso  
Ilustração da Capa por Lua Celina

Publicado em Setembro 2019  
Universidade do Porto. Faculdade de Letras  
[University of Porto. Faculty of Arts and Humanities]  
Porto, Portugal

ISBN 978-989-8969-18-7  
Suporte: Eletrónico - Formato: PDF / PDF/A

## II.0. Limites das Artes

### II.0. Limits of the Arts

Gerciane Oliveira

Os acoplamentos técnicos ao fazer artístico, os pontos de contato entre **mundo da arte** e **mundo vida**, a incerteza na definição de categorias dada à coexistência de muitas formas e estilos estéticos, práticas discursivas e mercadológicas são alguns dos aspectos que assinalam para o esgarçamento dos limites da arte na sociedade contemporânea. O estado da arte tem se apresentado como um desafio constantemente renovado para os públicos, críticos e agentes do mercado de arte e tem centrado boa parte do debate atual entre estudiosos da arte de diferentes campos de análise.

Os parâmetros que conduziram o sistema das **artes na modernidade**, seus códigos, sua linguagem, seus atores e instituições passaram por intensas modulações nas quais os valores cardinais que balizavam a demarcação do que seria ou não um objeto artístico já não soa tão imperativo. Estes referenciais que promoveram o distanciamento entre **bens artísticos** e os demais objetos comuns “produto de uma história ao longo da qual a arte tornou-se autônoma, ao se diferenciar do artesanato e da indústria” (Moulin, 2007: 93) são confrontados com as complexas relações contemporâneas que reorganizam e subvertem os fluxos entre produção/consumo, concepção/execução, **obra de arte/produto**.

Nestes termos, as **práticas artísticas coletivas e colaborativas** realizadas em contextos analógicos ou técnicos põem em cheque o conceito de autoria singular no qual repousa toda uma concepção romântica sobre o artista enquanto criador único e do qual se emana a valoração econômica e social que orienta sistemas de classificação materiais e simbólicos. O deslocamento dos objetos artísticos dos museus e demais “templos da arte” (galerias e espaços expositivos equivalentes) para a rua (para a Cidade), espaços materiais e virtuais, redimensionam o papel e protagonismo das ditas “instâncias de consagração” (Bourdieu, 1974), explicitando novos arbítrios e mecanismos de “transubstanciação” correspondente a uma lógica permanentemente atualizada de classificação. Da mesma maneira que a elaboração e redimensionamento de categorias, gêneros e classificações demonstra como a energia coletiva liberada por meio do trabalho da rede de

intermediários implica sobre a realização e valoração (econômica e simbólica) da obra, suspendendo o conceito da produção (material e social) na condição solitária do artista em seu ateliê.

Com efeito, o **sistema das artes** busca manter sob controle os ditames que integram ou excluem objetos, práticas e atores de seu circuito, desviando, em certa medida, os sentidos históricos das noções que convencionam as fronteiras da arte e não arte. A deliberada artificialização da raridade de obras de natureza múltipla e reprodutiva com base na serialização que demarca a autenticidade de produtos não originais (a exemplo, fotografias e esculturas), assim como a transposição das manifestações artísticas realizadas em contextos não especializados para suportes (espécies de documentos testemunhos, rastros e relíquias) passíveis de serem expostos nos museus e em mostras oficiais de arte revelam como ainda se empreende esforços pela manutenção e salvaguarda de referências que estabeleçam demarcações, ainda que fragilmente. Entretanto como postula Vera Zolberg (2006) os guardiões do campo não podem exercer o controle absoluto sobre os intercursos, transgressões e violações que permeiam e sempre permearam o universo das práticas artísticas desde pelo menos idos do século XIX. Portanto, “Mesmo sob condições extremamente autoritárias, os esforços visando isolar os artistas e a arte, proibindo-os (ou impedindo-os) de adotar ideias artísticas reprovadas, têm toda a probabilidade de fracassar” (Zolberg, 2006: 276).

Neste sentido, esta parte propõe problematizar as indefinições de limite da arte pondo em enfoque a precariedade das fronteiras das demarcações, de canonizações e de definições entre modalidades, linguagens e atores da arte. Os textos discutem aspectos da produção, mediação e recepção artística, expressando que estes cruzamentos e interpenetrações de fronteiras acompanham o desenvolvimento da arte, sendo umas de suas características mais comuns.

### Referências Bibliográficas

- Bourdieu, P. (1974). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Moulin, R. (2007). *O mercado de arte: mundialização e novas tecnologias*. Porto Alegre: Zouk.
- Zolberg, V. (2006). *Para uma sociologia das artes*. São Paulo: SENAC.